

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL FRENTE ÀS QUESTÕES SOCIAIS: O CASO DO LIXÃO DO CARPINA-PE

CHALLENGING ENVIRONMENTAL EDUCATION FACED TO THE SOCIAL CONTEXT: A CASE OF TRASH AREA IN CARPINA (PE) BRAZIL

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto¹

Ana Rita Franco do Rego², Jacineide Gabriel Arcanjo³, Edênia Maria Ribeiro do Amaral⁴

1. Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Departamento de Educação, analuneto@gmail.com

2. Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Departamento de Educação, aanarita17@hotmail.com.

3. Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Departamento de Educação, gabrielarcanjo2006@hotmail.com.

4. Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Departamento de Educação, edsamaral@uol.com.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar comparativamente propostas de educação ambiental e tensões sociais envolvidas no contexto social do lixão. A análise foi realizada a partir do levantamento de concepções, fatores sociais e de sobrevivência da comunidade de catadores do lixão do Carpina-PE e ainda de um estudo bibliográfico sobre a problemática ambiental relacionada ao lixo. A questão reside no fato de existir, por um lado, a consciência do problema ambiental vinculado ao descarte e tratamento inadequados do lixo e, por outro, o desafio no enfrentamento da questão social vivida pela comunidade do lixão. Ações de orientação sobre possíveis cuidados na convivência com o lixo poderiam representar o reforço de uma situação social inaceitável. A contraposição dos objetivos traçados para uma ação educativa em termos ambientais e da situação encontrada no lixão aponta para uma dimensão emancipatória no processo educativo, tal como é proposta pela educação ambiental crítica.

Palavras-chave: Educação ambiental, lixão e questão social.

Abstrat

This work aimed to analyse comparatively proposals for environmental education faced to social questions implicated in the specific context of trash area. Analysis was carried out starting from conceptions, social features and life way in the community of people who lives around trash area in Carpina (PE). Besides this, issues related to environmental education and trash problem were studied from literature. The point is, there is perception about environmental problem related to inadequate storage and treatment for trash, but, on the other hand, there is a challenge to face the ways of life from community living around trash area. Actions for orientation about some care with health and life inside trash area could represent to enforce this unacceptable situation. In putting aims from environmental education faced to situation for human life in the trash area it is pointed out a necessary transformation of this social context inside educational process, such as it is proposed in the critical environmental education perspective.

Key words: environmental education, trash area, social question.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa das tensões sociais que podem estar envolvidas quando as propostas de educação ambiental pretendem ser aplicadas no contexto social do lixo. Para isso, buscamos identificar os principais objetivos de uma formação ambiental principalmente relacionada com o problema do lixo e fizemos o levantamento dos principais problemas relacionados a uma comunidade de catadores de lixo na cidade do Carpina (PE).

Os avanços tecnológicos trouxeram importantes contribuições que possibilitaram o desenvolvimento globalizado da sociedade atual. Este desenvolvimento resultou numa marcha desenfreada do sistema capitalista ocasionando um distanciamento da relação homem/natureza, resultando numa concepção naturalista em relação ao meio ambiente. Segundo Carvalho (2006),

Esta visão baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a idéia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. Tal visão tem expressão nas orientações conservacionistas, que se dedicam a proteger a natureza das interferências humanas, entendidas sempre como ameaçadoras à integridade daquelas (p.35-36).

Em virtude disso enfrentamos um momento de mudança de paradigma com relação à concepção de uso de recursos naturais e convivência com o meio ambiente. A crise que vivenciamos pode ser considerada como uma crise de valores, o que tem gerado problemas sociais e ambientais das mais variadas proporções. Um dos maiores problemas ambientais da atualidade está relacionado com a grande quantidade de resíduos produzidos principalmente nas cidades, devido a uma população cada vez mais consumidora e dependente de novos tipos de produtos industrializados.

Em todo o mundo, o armazenamento indevido do lixo é uma questão ambiental preocupante. Vários são os problemas ocasionados pela presença de lixo em áreas livres, que além de deixar nosso ambiente esteticamente desorganizado, o ar carregado de odores desagradáveis devido à produção de gases tóxicos, ainda contaminam o solo e mananciais de água que estejam por perto. O acúmulo de lixo, por menor que seja, representa perigo à saúde das pessoas que convivem com ele, pois pode causar inumeráveis danos, por exemplo, transmitir o tétano a partir de objetos cortantes contaminados como vidros e metais, promover a proliferação de insetos (baratas e moscas), que transmitem verminoses, amebíase, e de ratos, cuja urina transmite a leptospirose. Garrafas, vasos e especialmente pneus velhos acumulam água onde se desenvolvem as larvas de mosquitos transmissores do dengue. Outro problema é que boa parte do lixo acumulado inadequadamente pode causar enchentes nos canais e galerias que causam muitos problemas a nossa saúde. De acordo com Fadini e Fadini (2001) o lixo sempre acompanhou a história do homem. Na Idade Média acumulava-se pelas ruas e imediações das cidades, provocando sérias epidemias e causando a morte de milhões. A partir da Revolução Industrial iniciou-se o processo de urbanização, provocando um êxodo do homem do campo para as cidades. Observou-se assim um vertiginoso crescimento populacional, favorecido também pelo avanço da medicina e conseqüente aumento da expectativa de vida. A partir de então, os impactos ambientais passaram a ter um grau de magnitude alto, devido aos mais diversos tipos de poluição, dentre elas a causada pelo lixo. Segundo dados fornecidos por Pereira (2007), no Brasil, cada pessoa gera, em média, um quilo de lixo por dia. Se somarmos toda a produção mundial, os números são assustadores. Só o Brasil produz 240 mil toneladas de lixo por dia. O aumento excessivo da quantidade de lixo se deve ao aumento do poder aquisitivo e ao perfil de

consumo de uma população. Além disso, quanto mais produtos industrializados existir, mais lixo é produzido. Diante de tal quadro, é importante salientar o aumento do lixo como consequência de um consumismo crescente por parte de uma parcela de sociedade, consumismo este que alimenta a condição subumana dos indivíduos que sobrevivem dos lixões.

Na maioria das cidades, as prefeituras costumam separar algumas áreas distantes para depósito do lixo coletado nas residências e este é deixado a céu aberto. Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 1989 e editada em 1991 (IPT/CEMPRE,1995), nos diz: “O brasileiro convive com a maioria do lixo que produz. São 241.641 toneladas de lixo produzidas diariamente no país. Fica a céu aberto (lixão) 76% de todo esse lixo. Apenas 24% recebe tratamento adequado”. Dessa forma, se faz necessário repensar as práticas utilizadas pela sociedade para o cuidado, acondicionamento e reaproveitamento adequado do lixo de forma a garantir um ambiente ecologicamente equilibrado. Segundo Aziz Ab’ Saber (1991), garantir a existência de um ambiente sadio para toda a humanidade implica uma conscientização realmente abrangente, que só pode ter ressonância e maturidade através da educação. Educação essa que possibilite ao cidadão participar como ser social na comunidade em que ele está inserido e no mundo. Ainda nesse sentido, Freire (1967) nos acrescenta:

“... uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção (p. 59)

Tomando por base tais autores, consideramos importante trabalhar em todos os âmbitos sociais por uma educação desprovida da raiz alienante e alienada, que seja uma força de mudança e libertação. Uma educação voltada para a formação do sujeito humano. Nesse contexto, faz-se necessário salientar a importância da educação ambiental formal e não formal. Esta última, educação ambiental não formal, definida pelo Congresso de Belgrado¹(1975), que visa formar “uma população que tenha conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permitam trabalhar individual e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam”.

É a partir desse aspecto que, neste trabalho optamos por adotar a perspectiva de uma Educação Ambiental Crítica que tem como pressuposto, segundo Carvalho (2006, p.156), a visão de educação como processo de humanização social e historicamente situado, que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante. Sauv  (2005, p. 30), acrescenta que esta corrente insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais. Tal perspectiva encontra respaldo nas novas orientações para o ensino de ciências considerando o que coloca Carvalho (2006), quando afirma que a formação do indivíduo só faz sentido se pensada em relação com o mundo em que ele vive e pelo qual é responsável. Na educação ambiental, a tomada de posição de responsabilidade pelo mundo em que vivemos inclui a responsabilidade com os outros e com o ambiente. Nos espaços não formais, tal perspectiva abrange um amplo conjunto de práticas sociais e educativas que envolvem ações em comunidades. O ambiente apresenta-se como espaço onde se dá, na prática cotidiana, o encontro com a natureza e a convivência de grupos humanos.

¹ Em 1975, 65 países se reuniram em Belgrado (ex-Iugoslávia), atual Sérvia, para formular os princípios orientadores do Programa Internacional de Educação Ambiental - PIEA, que passou a existir formalmente.

É nessa teia de relações sociais, culturais e naturais que as sociedades produzem suas formas próprias de vida (Carvalho, 2006, p.157), e essas relações estão fortemente ligadas à identificação de problemas referentes ao entorno ambiental da população. É nesse contexto que se justifica a prática de uma educação ambiental crítica que busca dentre os vários objetivos, Carvalho (2006 p. 158-159):

- Promover a compreensão dos problemas sócio-ambientais em suas múltiplas dimensões: geográfica, histórica, biológica e social, considerando o meio ambiente como o conjunto das inter-relações entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos;
- Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos recursos naturais, em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de relação com a natureza;
- Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas atentas à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos;
- Implicar os sujeitos da educação na solução ou melhoria desses problemas e conflitos, mediante processos de ensino/aprendizagem formais ou não formais que preconizam a construção significativa de conhecimento e a formação de uma cidadania ambiental.

Dessa forma, seja nos espaços formais ou não formais, a educação ambiental busca provocar processos de mudanças sociais e culturais no que se refere à sensibilização frente aos problemas ambientais e a respectiva mudança na forma de utilização das riquezas naturais, bem como o reconhecimento destas no intuito da formação de uma nova postura diante de sua utilização. Chassot (2006, p.174) afirma que entender a ciência pode nos fazer contribuir para controlar e prever transformações que ocorrem na natureza. Portanto, faz-se imperativo o conhecimento e a responsabilidade de todos para o uso e preservação de recursos naturais. De acordo com o colocado acima, buscamos aproximar educação ambiental e ensino de ciências a partir da idéia de alfabetização científica. Nessa perspectiva, alfabetizar cientificamente parece representar uma forma de pensar no homem como um cidadão que precisa compreender o mundo para melhor interagir nele. O processo educativo pode se constituir como o caminho que possibilita um tipo de letramento científico a todos os indivíduos que, por não serem letrados, podem estar excluídos da sociedade, como seria o caso dos catadores dos lixões nas cidades. Chassot (2006, p.174), afirma que “homens e mulheres por conhecerem a ciência se tornaram mais críticos e ajudaram nas tomadas de decisões para que as transformações que a ciência promove no ambiente sejam para melhor”.

Nesse sentido, consideramos que a educação ambiental não formal pode ser pensada também numa perspectiva de alfabetização científica, e poderá ser o caminho que levará catadores do lixão e outros grupos sociais em situações similares a se conscientizarem para contribuir com a transformação de sua condição social e a preservação do ambiente no planeta. Socializando o conhecimento científico o homem passa a ser elemento que participa da construção do seu conhecimento e daqueles que estão ao seu redor.

Diante da discussão acima, emergiu para nós uma importante questão de cunho social a partir de algumas constatações feitas em uma comunidade que vive e sobrevive do lixão: como o contexto social e de sobrevivência em que vivem moradores de um lixão pode limitar uma ação de educação ambiental? Dessa forma surgiu a necessidade de fazer uma análise comparativa entre os objetivos da educação ambiental e a questão social do lixão, considerando o caso particular do lixão do Carpina (PE) e foi feito um levantamento sobre a comunidade de catadores de lixo que lá vive, o que será apresentado a seguir.

Históricos da comunidade do lixão da cidade do Carpina/PE

O lixo coletado na cidade do Carpina (PE) tem um só destino, o lixão, uma área a céu aberto que fica localizada a 5 km da cidade na qual são acumulados resíduos descartados pela população da cidade. Em decorrência do crescimento populacional o volume desse lixo tem aumentado consideravelmente. E em virtude da deposição do lixo não obedecer a nenhum controle, vários problemas de ordem sócio-ambiental vêm surgindo ao longo do tempo. Pela falta de oportunidade de emprego na região, várias famílias invadiram uma área próxima ao lixão e estabeleceram atividades de sobrevivência que têm como fonte principal insumos catados do lixo. Foi formada uma comunidade constituída por aproximadamente 350 pessoas, entre adultos e crianças, que vivem em condições subumanas de sobrevivência. Todos que ao redor do lixão moram participam direta ou indiretamente do processo de catação do lixo, separando os diferentes tipos de materiais para venda a atravessadores - que repassam o material para empresas de reciclagem - e também retirando do lixo objetos e alimentos para o próprio usufruto da comunidade. Segundo entrevista com alguns catadores de lixo da comunidade, a venda do material separado rende a cada um deles em média R\$ 30,00 (trinta reais) por semana.

A maioria das casas nas quais a comunidade se abriga é de taipa (o termo taipa, genericamente empregado, significa a utilização de solo, argila ou terra como matéria-prima básica de construção), papelão e umas poucas são construídas em alvenaria, mas sem infraestrutura adequada às condições sanitárias mínimas. Por exemplo, como não possuem banheiros nas casas, as pessoas acondicionam em sacos plásticos, os excrementos advindos de suas necessidades fisiológicas e estes são jogados a céu aberto. Em geral, essas pessoas apresentam várias doenças, tais como: verminoses, infecções, diarreia e dengue. Algumas crianças que freqüentam a escola próxima da comunidade recebem como incentivo à bolsa escolar do Governo Federal. Para estas crianças a merenda escolar é a única refeição do dia. Existem incentivos da Prefeitura Municipal através da Secretaria de Ação Social, porém consistem em ações assistencialistas, tais como distribuição de cestas básicas. Reforçando ainda mais a permanência da comunidade no local e a sua condição de exclusão social. Além disso, outras instituições como: clubes de serviços, igrejas, colégios, associações e a comunidade carpinense contribuem com cestas básicas, brinquedos, roupas, entre outros.

Diante de tal quadro, podemos perceber que se trata de uma situação bastante complexa: de um lado um problema ambiental e de outro uma questão social, ambos com soluções não tão simples. Mas, ousando apontar de forma geral alguns caminhos, em termos de preservação e conservação ambiental, a solução poderia ser a erradicação do lixão e o estabelecimento de estrutura adequada para a acomodação e tratamento do lixo. Em termos sociais, uma solução plausível, mas bastante complexa, poderia ser a organização socioeconômica da comunidade com ações de inclusão social. No entanto, sabemos que infelizmente tais procedimentos não se constituem em ações simples que se desenvolvam em curto prazo e daí surge a seguinte questão: como propor ações educativas, do ponto de vista científico e ambiental, diante de situações extremas como esta? No sentido de tentar encontrar alguns caminhos para promover ações de educação ambiental não formal neste contexto social, neste trabalho, resolvemos analisar criticamente alguns dos objetivos propostos nesta perspectiva, tendo em vista alguns dos aspectos sociais colocados, bem como as concepções levantadas na comunidade do lixão durante as entrevistas em relação à problemática sócio-ambiental, neste caso o lixão do Carpina-PE.

Metodologia

O presente trabalho, de natureza qualitativa, foi desenvolvido a partir de pesquisa realizada no mês maio de 2007, no município do Carpina, Zona da Mata de Pernambuco, com a

comunidade de catadores de lixo do lixão da referida cidade. Durante a investigação buscou-se fazer um levantamento histórico da comunidade citada, na perspectiva de levantar as concepções dos indivíduos pertencentes a tal comunidade, bem como fatores sociais relativos à vida e à sobrevivência dos mesmos. Foram realizadas entrevistas com membros da comunidade e sujeitos que atuam na mesma, com o objetivo de analisar algumas das ações desenvolvidas na comunidade. As entrevistas foram realizadas com 08 membros da comunidade de catadores, 01 atravessador (responsável pela venda de materiais coletados do lixo) e 01 representante da Secretaria de Ação Social da cidade. A pesquisa desenvolvida teve uma amostragem de dez participantes constituindo-se predominantemente por 60% de homens com elasticidade de idade dos 21 aos 45 anos e 40% mulheres, 90% deles afirmam que ganham por mês menos de um salário mínimo. Paralelamente realizou-se pesquisa bibliográfica em relação às orientações da educação ambiental quanto à problemática do lixo.

Resultados e discussões

Num mundo em que os recursos já não podem ser considerados como dádivas inesgotáveis, mas um precioso tesouro que precisamos defender, preservar e usar com sabedoria, educar para a consciência ecológica é, principalmente, desenvolver uma postura crítica em relação aos comportamentos humanos. No entanto, assumindo que a educação ambiental não deve ser compreendida apenas como instrumento de mudança cultural ou comportamental, mas como instrumento de transformação social, não é mais possível insistir em ações pedagógicas que fragmentam a complexidade dos problemas ambientais e que acreditam, de forma ingênua, que é possível reverter o quadro apenas com mudanças éticas ou comportamentais.

Sendo assim, compete àqueles envolvidos com a educação ambiental a tarefa difícil de desenvolver nas pessoas a consciência dos problemas ambientais e estimulá-las a tentar buscar soluções para estes problemas. Não é um processo fácil e nem rápido, diante do atual modelo de desenvolvimento que dispomos, no qual ao mesmo tempo em que se estimula a concentração de riquezas individuais, se fortalece a falta de solidariedade entre as pessoas e a geração de uma quantidade cada vez maior de seres marginalizados, excluídos e sem o direito garantido de “viver” de forma humana.

Para realizar a análise comparativa, buscamos através dos dados coletados estabelecer uma discussão em relação aos atuais objetivos que concernem a Educação Ambiental sobre uma perspectiva crítica e a real situação social e de sobrevivência dos catadores de lixo. Nesse sentido também foram consideradas as concepções que estes últimos apresentam sobre questões ambientais. Buscamos mostrar na Tabela 1, um paralelo entre os objetivos propostos para uma Educação Ambiental e algumas ações realizadas pela comunidade analisada do lixão da cidade do Carpina-PE. Este paralelo possibilitou analisar que condições reais a população dispõe para colocar em prática alguns dos objetivos propostos na EA.

TABELA 1: Paralelo entre objetivos na Educação Ambiental e ações da comunidade

Educação Ambiental	Comunidade do Lixão do Carpina-PE
I - Promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográfica, histórica, biológica e social, considerando o meio ambiente como o conjunto das inter-relações entre o mundo natural e o mundo social, mediado por	I – Membros da comunidade não sabem informar ou descrever o que seja meio ambiente e parecem não apresentar a consciência de que estejam nele inseridos. Os membros da comunidade são em sua grande maioria analfabetos. Não têm sequer

<p>saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos;</p> <p>II - Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos recursos naturais, em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de relação com a natureza;</p> <p>III - Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas atentas à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos;</p> <p>IV - Implicar os sujeitos da educação na solução ou melhoria desses problemas e conflitos, mediante processos de ensino/aprendizagem formais ou não formais que preconizam a construção significativa de conhecimento e a formação de uma cidadania ambiental.</p>	<p>acesso a informações locais.</p> <p>II – Membros vivem em condições subumanas, buscando no lixão o seu sustento, catando lixo sem nenhuma proteção, mesmo tendo alguma noção de que seja prejudicial à saúde.</p> <p>III – Desenvolve atividade de preservação ao ambiente, na sua atividade de coleta, mas sem ao menos perceber que, de alguma forma, estão ajudando nos cuidados com o meio ambiente a partir das suas ações.</p> <p>IV – A comunidade se apresenta desprovida de qualquer tipo de integração com instituições financiadoras ou educadoras, que desenvolvam uma educação ambiental na área, vivendo apenas na busca de políticas assistencialistas.</p>
--	---

Na análise da Tabela 1, levamos em consideração quatro dos objetivos apresentados por Carvalho (2006), para uma educação ambiental numa perspectiva crítica, considerando que estes objetivos puderam fazer paralelos com alguns aspectos constatados na comunidade.

Quando o objetivo I da Educação Ambiental, nos aponta para a compreensão dos problemas socioambientais, observamos que os membros da comunidade do lixão do Carpina-PE não se vêem como elemento do ambiente em que estão inseridos, não compreendendo o que seja meio ambiente e alheios as informações sobre o mundo.

Usar e distribuir os recursos naturais de forma sustentável é o IIº objetivo da E.A., que na comunidade do lixão do Carpina-PE, de forma alguma este objetivo é vivenciado pois os catadores retiram desse ambiente poluído sua sobrevivência mesmo tendo alguma noção dos prejuízos causados a saúde.

A formação de uma atitude ecológica dotada de sensibilidade estética, ética e política atenta a identificação dos problemas que afetam o ambiente evidenciada no III objetivo da E.A. é impossibilitada em virtude da falta de consciência do papel que os catadores exercem na sociedade, mesmo que de forma involuntária, quando desenvolvem sua atividade de sobrevivência no lixão.

O fato da comunidade não dispor de qualquer integração com instituições que desenvolvam uma educação ambiental e de viverem em busca de políticas assistencialistas, não só inviabiliza a possibilidade da formação de uma cidadania ambiental proposta no IV objetivo da E. A, como fortalece ainda mais o processo de exclusão social naquela comunidade.

No que concerne o aspecto relacionado as concepções dos catadores é importante destacar que igualdade, Justiça social e sustentabilidade são palavras que deverão ser enfatizadas na reconstrução de uma sociedade ambientalmente equilibrada na busca de uma melhor qualidade de vida. É interessante apontar que solidariedade faz parte do dia-a-dia da população,

mas a determinação (vontade de viver) é o lema. Para conhecer melhor o perfil dos membros entrevistados na comunidade, a seguir apresentaremos a análise de algumas respostas dadas na entrevista.

De acordo com os resultados apresentados em entrevista realizada, podemos concluir que essas pessoas vivem no lixão por uma questão de sobrevivência e dessa forma, não apresentam um perfil condizente com algumas das questões propostas pela Educação Ambiental, e não fazem alguma reflexão sobre ações em favor do meio ambiente. Ao serem indagados sobre a existência do lixão, 70% dos entrevistados afirmam que dele tiram seu próprio sustento, 60% deles vêem a finalidade de estarem naquele local é catar o lixo para vender e assim obterem sua renda. Quando foi perguntado o que entendiam por meio ambiente, 60% afirmaram não saber do que se trata e de que o lixo possa prejudicar esse ambiente. Destes, 90% falaram de forma contraditória com relação à pergunta anterior - que o lixo faz muito mal à saúde, mas nenhum deles soube explicar como. Em sua totalidade, ou seja, 100% dos entrevistados afirmam que vivem lá por sobrevivência e que é a única forma de emprego que eles dispõem.

Os resultados obtidos nos direcionam às seguintes considerações:

Inicialmente gostaríamos de ressaltar que as idéias colocadas em paralelo na tabela 1 apontam grandes desafios para o estabelecimento de ações educativas voltadas para o meio ambiente, quando existe uma questão social forte associada a um fator de degradação ambiental. Contrariamente ao que possa sugerir, consideramos que a verificação de desafios dessa natureza não deve ser representativa de desestímulo para a ação educativa, pelo contrário, poderá orientar os objetivos de um processo educacional que necessariamente passará pela discussão dos modelos de constituição da sociedade nas suas diversas dimensões, modelos estes que possibilitem a formação de um cidadão crítico-reflexivo, capaz de interferir de forma construtiva em seu ambiente e no mundo.

No que se refere às concepções encontradas na comunidade. Um ponto a ressaltar seria que, apesar dos entrevistados terem apresentado certa consciência sobre os perigos causados pelo lixo à saúde, um fator bastante forte que os prende ao ambiente é a falta de oportunidade em relação ao mercado de trabalho. Como os catadores não encontram outro meio de sobrevivência são “conformados” a assumirem essa condição de vida na sociedade.

O fato de receberem reforços assistencialistas por parte da Secretaria de Ação Social do município e outras instituições, além de contribuir para o fortalecimento de uma situação de exclusão, possibilita o desenvolvimento de um estado de conformismo em relação às buscas dos direitos e deveres enquanto cidadãos. E ainda, tal conduta pode alimentar um sistema de controle eleitoral que garante êxito para aqueles que se mantêm em sua posição política realizando ações de cunho exclusivamente político-eleitoreiro.

É interessante marcar que por um lado, aparentemente existe um “seguro” de vida, (mesmo em condição subumana para os catadores), que o lixão garante a todos os envolvidos neste contexto (catadores e atravessador) e que a intervenção municipal parece alimentar a partir de uma condição de passividade de todos, dificultando outras tentativas de ação no sentido de modificação da atual realidade. Isto nos remete a uma necessária reflexão sobre os desafios para mudar as formas de pensar e agir em torno da questão ambiental na perspectiva proposta pela Educação Ambiental Crítica, como nos aponta Leff (2001) quando afirma ser impossível resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos e, sobretudo na garantia de direitos a todos os cidadãos.

Nesse sentido defendemos o pensamento de Sauv  (2005, p.30), quando afirma ser necessário enraizar nas práticas a mensagem emancipatória que a educa o ambiental crítica traz em seus pressupostos, seja no âmbito formal ou não formal. Nesse contexto, trata-se de desenvolver uma postura crítica acompanhada por componentes necessariamente políticos. Não se trata, segundo o autor, de uma crítica estéril, mas de uma postura corajosa, pelo fato de começar pelo confronto consigo mesma e por implicar em questionamentos dos lugares-comuns e das correntes dominantes.

Referências

AB' SABER, Aziz. **Reflexões sobre educa o ambiental**. 1991. Mimeogr.

CARVALHO, I. C. de Moura. **Educa o Ambiental: a forma o do sujeito ecológico**. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

CHASSOT, A. **Alfabetiza o Científica: questões e desafios para a educa o**. Ijuí:Ed. Unju  2000.

FADINI, P. S. FADINI, A. A. B. Lixo: **Desafios e Compromissos, Cadernos Temáticos Química Nova na Escola**, fascículo. 1 2001, p.9-18, maio.2001.
Disponível em <http://www.s bq.org.br/ensino>

FREIRE, Paulo. **Educa o como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias e teses**. Recife: Edi es Bagaço, 2003.174p.

PEREIRA. A.K.O lixo nosso de cada dia, disponível em:<http://www.compam.com.br/artigos.htm>
Acesso em: 15, agosto de 2007.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educa o ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. C. de Moura. (org), **Educa o Ambiental: pesquisa e desafios** – Porto Alegre: Artmed, 2005, p.17 – 44.

